

RESUMO - CIÊNCIAS HUMANAS - HISTÓRIA

**ALFORRIA BATISMAL: A REGENERAÇÃO DO CATIVEIRO PELA PALAVRA
NA ÁGUA (RIO DE JANEIRO, SÉCULO XVIII).**

Mateus Barbosa Da Nóbrega (mateusnobrega176@gmail.com)

Roberto Guedes Ferreira (robgedes@ufrj.br)

Mateus Barbosa da Nóbrega¹; Roberto Guedes Ferreira².

1. Bolsista PIBIC FAPERJ e discente do curso de Licenciatura em História, IM/UFRRJ; 2. Professor do Departamento de História/IM/UFRRJ.

Baseado no projeto “Cativos, alforriados e senhores: construtores da escravidão e da liberdade (Rio de Janeiro, século XVIII)”, coordenado pelo professor Roberto Guedes Ferreira, temporalizado no século XVIII, a pesquisa analisa alforrias de pia, que são as alforrias concedidas no ato de batismo, presentes em livros de registro de batismos. O trabalho tem como objetivo compreender as alforrias de pia pelo viés da espiritualidade e da religião em uma monarquia católica. Ao mesmo tempo, considerando que se trata de uma sociedade escravista, a alforria de pia é um meio de analisar a mobilidade social, pois implica em deixar de ser escravo e se tornar forro. Sendo assim, religiosidade e mobilidade social andavam juntas. Em geral, nas atas de batismo, ao concederem a alforria, os senhores diziam que o faziam “de livre vontade e sem constrangimento algum”, “por amor a Deus”, e outras expressões contidas em fontes de época. Pode-se, portanto, analisar a mentalidade religiosa que servia de lastro para que tais alforrias fossem possíveis dentro do contexto daquela sociedade. A metodologia utilizada se faz

de acordo com o material de pesquisa, no caso os registros de batismo que contêm alforrias de pia. Tendo como instrumento o software de computador denominado Microsoft Excel, foram formulados bancos de dados com registros de tal natureza, relativos ao século XVIII, oriundos de freguesias tanto da cidade do Rio de Janeiro quanto de outras paróquias do chamado Recôncavo da Guanabara. Por tal metodologia, constatou-se que, em relação ao número total de registros, as alforrias de pia eram pouco frequentes, o que levou a mesma pesquisa a traçar uma análise qualitativa, em vez de quantitativa. A partir deste ponto, em consonância com a documentação canônica e catequética de época, tais como, respectivamente, o Catecismo Romano (1566), promulgado como resultado do Concílio de Trento (1545-1563), e as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, promulgadas pelo então arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide em 1707 e impressas em 1719, foi possível relacionar tal tipo de alforria com a mentalidade sacramental católica.

CATECISMO ROMANO. Catecismo Romano: o catecismo do Concílio de Trento; tradução de Frei Leopoldo Pires Martins, O. F. M. 1 ed. São Paulo, SP: Castela Editorial, 2020.

FERREIRA, Roberto Guedes. Na Pia Batismal: Família e Compadrio entre Escravos na Freguesia de São José do Rio de Janeiro (Primeira Metade do Século XIX). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

FERREIRA, Roberto Guedes; SOARES, Moisés Peixoto. Fontes paroquiais, qualidades da escravidão, mestiçagens e mobilidade social (Rio de Janeiro, Século XVIII), 2023, ISSN: 24468215

HESPANHA, António Manuel. Imbecillitas: as bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime. São Paulo: Belo Horizonte: Annablume, UFMG, 2010.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Igreja e escravidão africana no Brasil Colonial. Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria, v. 10, n. 18, p. 355-387, jul.-dez. 2007.

PEIXOTO, Moisés. Mulheres escravas: trabalho, alforria e mobilidade social (Piedade de Iguaçu e Santo Antônio de Jacutinga, Rio de Janeiro, 1780-1870). Curitiba: Appris, 2022.

SOARES, Márcio de Sousa. A remissão do cativo: Alforrias e liberdades nos Campos dos Goitacases (1750-1830). 2006. Tese (Doutorado em História) –

Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

VIDE, Sebastião Monteiro da. Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia / feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

Palavras-chave: escravidão; alforria; batismo; rio de janeiro; século xviii.